

QUINTA-FEIRA
Lisboa--7 de Janeiro de 1932

OS TÓIS
SERRA

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

294



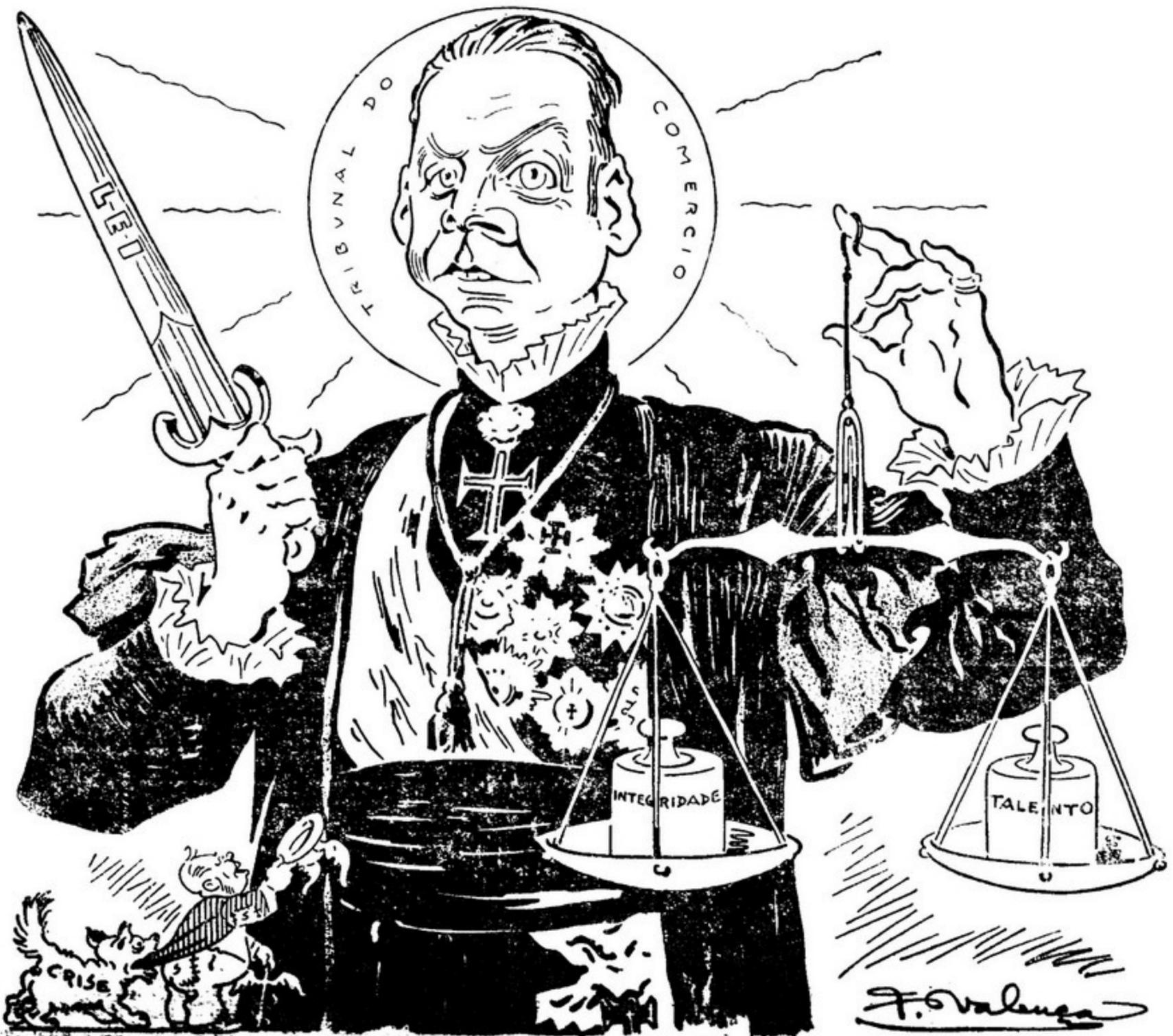
sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

DR. VASCO BORGES



A sua iniciativa se deve o regresso, ao seu antigo lugar, do Tribunal de Comercio, renascido das proprias cinzas, tão elegante, moderno, e desrempolado como o espirito de S. Ex.

Juizo do ano

Antigamente os anos tinham juizo. Porque as coisas corriam normalmente, podia fazer-se previsões e as folhinhas abriam todas pelo juizo do ano. Depois, especialmente depois da guerra, os anos começaram a perder o juizo, entrou-se no regimem do imprevisito, do ilogico, do disparate, e os juizos do ano já não tinham juizo nenhum. Mas isto não pode continuar. É preciso meter os anos nos eixos ou vice-versa. Cada um tem de saber com que pode contar. E assim o «Sempre Fixe» vai fazer o juizo do ano e o leitor verá como tudo ha-de sair certo, coisa que nenhum outro jornal, nem o «Arroto» do José Parreira, era capaz de fazer. Vamos a isto: O ano de 1932 seguir-se ha infalivelmente ao de 1931 e terminará, com 366 dias, em 31 de Dezembro, para dar lugar a 1933. Compôr-se ha de quatro estações a saber: Primavera, Verão, Outono e Inverno. A Primavera será fresca, se, nem o Inverno nem o Verão se meterem com ela. Se se meterem, ninguém sabe o que pode acontecer, porque uma menina inocente e quasi impubere, metida entre dois matulões, pôde muito bem fazer a sua asneira.

O Verão tanto pode ser quente como frio, depende do tempo que fizer, mas nessas coisas do tempo e da meteorologia nunca ninguém está de acordo, nem os homens, nem os observatorios.

O que lôr soará.

O Outono, podemos desde já garantir, ha-de parecer-se com o Verão ou com o Inverno e o Inverno, se sair ao pae, ha-de ser de se lhe pôr o chapéu: se não sair, parecer-se ha com os outros seus antepassados, em que Deus dará, aos pobres, o frio conforme a roupa e, aos ricos, a roupa conforme o frio.

Durante a sua vida, grandes e colossais obras se empreenderão se houver tempo e dinheiro. A ponte sobre o Tejo será um facto, no papel. A sua construção porém, só se realisarà quando os projectos, estudos e pareceres de comissões forem tantos que se tenha accumulado o papel suficiente para os pégões e respectivos fundamentos, o que não se fará certamente esperar porque, pelos calculos mais seguros, tudo se poderá fazer com 3.000.000.007.843.803.890.000 toneladas de papel selado.

O Terreiro do Paço passa a ser real e electivamente Praça do Comercio, segundo o projecto do «Noticias Ilustrado», pela adaptação das Arcadas a exposição permanente dos nossos productos, por tal forma, que até a Associação Commercial ha-de dizer como a «Engeitadinha»:

«Debaixo daquela arcada Passava-se a noite bem».

Se esta transformação se não fizer, não é por culpa nossa nem do «Noticias Ilustrado».

Politicamente, dir-se ha como na obra de Remarque — «Nada de novo na frente occidental» Nas outras se verá, porque quem adivinha vai para a casinha.

A libra, bem escorada por dedicações desinteressadas, ir-se ha aguentando nas pernas, tem-te não-cáias e o escudo, como escudo que é, terá que aguentar-se com as poucas que lhe derem.

Tremores de Terra não ha que recear, porque a época que atravessamos é de ordem de trabalho construtivo e não de destruição, nem o governo consentiria numa coisa dessas. Vulções em erupção não os veremos senão lá muito longe, onde se não vêem, que é a maneira mais segura de não morrer assado. Não quer isto dizer, porém, que por cá os não haja. Eles são o nosso comer, porque a gente até anda por cima deles. Devem, durante este ano de 1932 dar-se ha alguns eclipses que não te-

rão influencia nenhuma na nossa vida' porque em Portugal toda agente se regula pela sua cabeça e não anda na lua. Quem quizer gosar o espectáculo com um vidrinho enfarruscado, não tem mais do que consultar o programa destes festejos que vem sempre no Borda d'Agua.

Para a agricultura, o novo ano será bom ou mau conforme o tempo que fizer. Se, como é da praxe, fizer «sol na eira e chuva no nabal», o agricultor não terá mãos a medir; só terá a contar mãos de nabos para mandar para a praça.

O vinho será abundante, mas de má qualidade como convem a uma coisa que é para vomitar. Escusa de a gente ficar com pena quando deitar carga ao mar.

Trigo haverà que baste às nossas necessidades, se a Campanha do Trigo se fizer intensivamente, como o «Seculo» preconisa, o que não quer dizer que os lavradores não apanhem a sua espiga... para mandar ao concurso.

Por cada cidadão que aprender a lér, extinguir-se ha um analfabeto, para dar uma alegria e aumentar um leitor ao

ao nosso colega «Diario de Noticias».

Escolher-se ha definitivamente o lugar para o Palacio da Justiça e lançar-se ha a primeira pedra para a sua edificação, nomeando-se uma comissão composta dos srs. drs. Vasco Borges e José de Abreu, para proceder à aquisição das carpetes e estantes.

Inaugurar-se ha a nova estação do Sul e Sueste, para o que se armará um grande palanque sobre os Torreões do Terreiro do Paço, a fim de que a referida estação possa ser vista por cima do muro.

No Campo do T. S. F. far-se ha grandes progressos, montando-se aparelhos modernissimos nas frentes e nas trazeiras de todos os predios, para haver a seriedade de que são igualmente incomadados os vizinhos de todos os lados e collocando-se as antenas, que dantes se punham a grandes alturas, à altura das cabeças que as desejem.

Abri-se ha uma escola tecnica para chauffeurs; cuja principal missão será industrialos na Terminologia a empregar contra os peões que atropelem, como por exemplo:

— Sua besta.
— Arre, que é bruto...
— Estupida cavalgada...
— Oh! seu malandro...
— Oh! seu idiota, você não via o carro!

A crise do desemprego será energeticamente atacada de frente, acabando com os desempregados. Se não servem para nada, deitam-se fóra.

Quanto ao mais que ha-de fatalmente acontecer nada se diz de contrario a vida seria uma maçã-la porque uma vida sem surpresas, sem imprevistos, como as peças de teatro não é vida não é nada é uma chatice.

Deos super omnia.

Dr.^a Maria Carolina Ramos



Uma palavra de mais, fustiga de desistência, melho dos jornalistas e artistas, os seus trabalhos que a natureza, abrem com lhe muitas vezes o seu apelido.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas à razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

isto agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

JA' dizem para ai que vão mudar o nome da revista *O Estaladinho*, em cena no teatro Maria Victoria.

Consta que lhe vão chamar: *De vento em pópa...*

Isto apesar dos travões que lhe queriam pôr!...

■ ■ ■

PEDRO, Paulo & C. é uma sociedade ilimitada de gargalhada, com escritório no teatro do Gimnasio.

Uma sociedade que não precisa de capital, porque o ponto capital é o riso.

■ ■ ■

O teatro Avenida está fazendo uma reposição feliz de teatro musicado antigo.

Levou á cena, com grande éxito, *O Solar dos Barrigas* e, depois disto, vai levar *O Burro do sr. Alcaide* e outras.

Podemos até afirmar que, para fechar com chave de ouro esta época de brilhante teatro musicado antigo, a empresa porá em cena, em primeira representação, uma peça do sr. dr. Julio Dantas, que pode ser, por exemplo, *A Serrera*.

■ ■ ■

O nosso papá *Diario de Lisboa*, num longo artigo, lamenta que os teatros de revista não tenham aquecimento, quer para os espectadores, quer para os artistas.

Não pretendemos manter polémica com o *Diario de Lisboa*, mas estamos autorizados a rebater aquelas afirmações, e por isso afirmamos que os teatros tem aquecimento, tanto a sala como o palco.

Afirmamos e provamos. O aquecimento na sala é feito pela seguinte forma: As actrizes e as coristas aparecem tão nuasinhas, benza-as Deus, que não ha espectador nenhum que não venha de lá a escaudar, com o corpo em braza.

No palco é precisamente o contrario.

Os espectadores, com os olhares de fogo, alvejam de tal forma as actrizes que elas veem de lá... a arder!...

■ ■ ■

UM Bragança, no teatro Politeama, foi um éxito.

Alberto Barbosa, o gerente da nova companhia do teatro Poli-

teama, anda contentissimo com o éxito.

Tanto que até já lhe chamam —o administrador da Casa de Bragança.

■ ■ ■

NADA menos de três actrizes pretendem realizar a sua festa artistica com a *reprise* do drama celebre, de Alexandre Dumas, *A Dama das Camélias*.

Quem vencerá? Não sabemos. O que sabemos é que *A Dama das Camélias* já não dá nada. Fez a sua época.

A dama envelheceu e as camélias murcharam...

■ ■ ■

NA revista *O Estaladinho* ha um numero que é o *Macaquinho*.

Esse numero tem dentro da revista uma certa logica. O artista que o interpreta diz:

—Cá está o macaquinho, que sempre «assobe».

E como o *Estaladinho*. Sempre «assobe», apesar de muitos não quererem...

■ ■ ■

VEM aí o José Climaco com a sua companhia.

Alguns dos artistas que a com-

põem foram já, por radio enviado para bordo do barco onde veem, convidados a ingressar numa companhia.

E ainda dizem que ha crise... Temem que esperar que eles regressem para organizar companhia.

■ ■ ■

AS curas de repouso sempre deram resultado.

O Vasco Santana, segundo os jornais, foi, a conselho do medico, descansar por se encontrar fraco, apesar de não parecer.

O Vasco, com tanto trabalho, emagrecia a olhos vistos, não por fóra, porque o volume era o mesmo, mas por dentro.

Pois, com o repouso, sabem quanto já aumentou? Sete quilos.

Dizem já que o Vasco, quando reaparecer, será no teatro Politeama, que é o unico palco de Lisboa onde ele caberá.

■ ■ ■

AINDA daquele celebre artigo do *Jornal de Noticias* sobre o congresso internacional da critica, reunido nos *restaurants* e *hoteis* do pais —como muito bem sublinhou o *Gringoire*— recordamos este passo da carta que foi dirigida ao jorna-

lista portuense, por um certo lisboeta:

«Nunca entabolei conversa que não se encaminhasse para a queda da libra, cotações da Bolsa, etc. O Etienne Rey abordou-me, um dia; queria saber se a crise dos teatros aqui era grande... por causa dos direitos de autor.

«Quando vinha para Lisboa, já no comboio e ainda enervado pela falta de repouso, lembrei-me de algumas daquelas figuras—entre as quais o Gandnay Rety era um simbolo—gente sem ideal, sem generosidade, para quem o entusiasmo é um crime ou, pelo menos, uma coisa incomoda. Gente de olhos baços, imaginação fria e experiencia toda matematica; enfim, gente esgotada—saltimbancos da incultura—e tive a impressão rascante de que passara dez dias no meio de espectros de uma civilização morta e pôdre—velhas almas penadas, oriundas duma gafaria. Acredite que não exagero. Eu proprio, talvez por força de contacto, andava tonto de sono e de parvoice. E sinto-me vexado.»

■ ■ ■

VAMOS ter, oportunamente, no Apolo *As Pupilas do Sr. Reitor*.

Como a peça é muito velha, as pupilas vão ser interpretadas por caracteristicas!

■ ■ ■

DIZEM-NOS maravilhas da *Cadeira da Verdade*, do dr. Ramada Curto.

Uns dizem-nos que é uma homenagem á critica, outros á advocacia.

Vamos lá ver como o autor concilia as duas partes!...

■ ■ ■

A actriz Teresa Gomes vai interpretar uma peça espanhola intitulada *Mi padre!*

Que salero, mi madre!

■ ■ ■

O *Aldabão* continua a encher! Todos o querem ver. Será para prender?...

■ ■ ■

JOSÉ Climaco reaparece, no Avenida, no proximo dia 15, com a fantasia *Noite de Estrelas*.

Com semelhante título, não é de admirar que o publico fique deslumbrado com o espectáculo!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

Girls do Maria Victoria no ensaio



UM Bragança, no teatro Politeama, foi um éxito.

Alberto Barbosa, o gerente da nova companhia do teatro Poli-

Elevador da Gloria

Num transatlantico:
A passageira: — E' casado?
O marinheiro: — Sim, senhora!
 Tenho 14 filhos!
A passageira: — Pobre homem!
 E sempre no mar! Não sente nostalgia?
O marinheiro: — Sinto! Quando entro em casa!...

No espingardeiro:
O caixeiro: — De que calibre quer as balas?
O freguês: — Pequeno! E' para uma pessoa muito fraca!...

Num salão:
Ela: — O senhor gosta muito de café bom, não é verdade?
Ele: — Sim, mas não importa. Tomarei uma chavena do que me oferece...

Metempsicose:
 — Receio que a minha alma, depois de eu morrer, reencarne no corpo de alguma besta!
 — E' natural! Volta á procedencia!...

O empregado: — Sr. director! Pode aumentar-me o ordenado?
O director: — Por que razão?
O empregado: — O meu medico disse-me que tenho necessidade dum bom tratamento!

Na farmacia:
O freguês: — Ontem, você deu-me estriquinina em vez de aspirina!
O farmacêutico: — Oh!...
O freguês: — Não faz mal! Hoje quero estriquinina; por isso dê-me aspirina!

O filho: — Diz o jornal que o Antunes Ramalhão era um grande financeiro! O que quer dizer isso?
O pai: — Que podia ganhar mais rapidamente o dinheiro do que sua familia o podia gastar...

O editor: — Para a outra vez traga os seus versos escritos á maquina!
Ele: — Então o senhor julga que se eu souber escrever á maquina, fazia versos?...

Numa loja de brinquedos:
O miúdo: — Mãe! Compre-me este tambor!
A mãe: — Impossivel! Estarias sempre a acordar o teu pai!
O miúdo: — Mas eu juro-te que só o tocarei quando o papá estiver a dormir...



Gil Bert

— Maldito relógio que se atraza! Chego sempre tarde á entrevista! Mas não faz mal: eu adianto-me.

Os Evaristos da critica

Conhecia, sob varias facetas, o talento insuperavel do meu amigo Evaristo. Sabia-o leitor assiduo de todas as gazetas, pontos militantes de todos os partidos e, sobretudo, fonte inesgotavel do meu trabalho no *Sempre Fixo*. Desconhecia-lhe, porém, uma qualidade de incontestavel valia: — o Evaristo é um critico, na accepção mais «portuguesa» da palavra.

Descobri isto, logo á primeira tentativa, ao ouvi-lo falar mal de determinada *premiere*. Perguntei-lhe então, não ocultando o meu espanto, se ele tambem se dedicava agora á critica teatral. E o Evaristo explicou:

— O que quer o meu amigo? Vi toda a gente a fazer critica e resolvi fazê-lo tambem... para nao dar nas vistas!

Resolvi então, como costumamos dizer, puxar-lhe pela lingua, e o Evaristo, após duas horas e três quartos de ponderada reflexão, resolveu confiar-me as suas impressões, não digo digitais, mas absolutamente ineditas e valiosas.

— O que me diz do prologo? — perguntei.

— Muito mau! — respondeu o Evaristo. — Muito mau! Calculei o meu amigo que eu chegaria tarde e já não consegui vê-lo. Mas, quando cheguei, ainda alguns espectraldores estavam a patear. E cá, então, juntei-me a eles!

— Mas — perguntei eu — se o meu amigo não viu o prologo, para que o pateou?

— Para não dar nas vistas! — explicou ele. — Pois se estavam a patear é porque ele era mau!

Como não gosto de discurrir em pecca, mais ou menos «Evaristi-

caso, passei adeante e interroguei o meu amigo sobre outros assuntos.

E o Evaristo começou por amesquinhar os cenarios, que classificou duma «ucata de papel pintado». Fiz-lhe ver que é costume os cenarios serem de papel e o Evaristo passou a dizer mal de determinados numeros.

O Evaristo não sabia. A seguir, classificou os autores de burros, porque o pano não tinha descido a tempo, na apoteose do 2.º acto. Expliquei ao Evaristo que não são os autores que costumam puxar o pano.

E ao fim duma serie de interminaveis acusações aos autores da peça, o Evaristo gabou-se, satisfeito, de ter pateado estrondosamente... para não dar nas vistas.

Tiv, ainda a ingenuidade de lhe perguntar se sabia os prejuizos de toda a especie que acarreta a muita gente a queda duma peça. Perguntei-lh, ainda se ele sabia quantas peccas tem, muitas vezes, o seu pão suspenso da solas das botas dos Evaristos. O Evaristo não sabia.

Conversámos ainda um bocado e despedimo-nos, com um aperto de mão, amigos como antes. E' que o Evaristo, afinal, é bom rapaz. O que eu não acredito é que ele fizesse aquilo só para não dar nas vistas.

E, ou eu me engano muito, ou, é de duas uma: — Ou o Evaristo estava nesse dia zangado com a mulher, ou tem lá em casa alguma revista feita que ainda não conseguiu colocar...

ANIBAL NAZARE.

Graça dos outros

Numa exposição de pintura:
 — Felizmente que se voltou aos quadros grandes!
 — O senhor é pintor?
 — Não, sou vendedor de artigos de pintura!

Depois da operação:
A doente: — Porque não toma uma chavena de café?
A enfermeira: — Muito obrigada! Tirava-me o sono!

No restaurant:
O criado: — O freguês chamou-me?

Ele: — Sim, senhor! Diga-me uma coisa: você, quando quer jantar bem, onde vai comer?

No jardim:
Ela: — Se agora a beijasse, pediria socorro?

Ela: — Para quê? Necessita-o você?

Ela: — Estás contente de ter estado comigo no campo?

Ele: — Certamente! Gosto muito dos animais!

A dama generosa: — Não acho bem, que o senhor ensine o seu filho a mendigar!

O meudigo: — Não é meu filho; é um aprendiz!...

O marido: — Isso de tu roubar a cosinheira á tua amiga Matilde é uma feia accção!

A mulher: — Não faz mal! Uma amiga arranja-se mais facilmente do que uma cosinheira...

Na livraria:
O freguês, com uma obra pornographica na mão: — E vendem-se muito estes livros?

O caixeiro: — Muito! Cada familia leva dois exemplares, as mães compram um e o condemno das filhas, e as filhas compram outro e o condemno das mães.

O marido: — Ouvi agora dizer a cosinheira, quando subia, que aqui na rua só ha uma mulher que não engana o marido!

A mulher: — Quem será ella?

Entre amigos:
Maria: — Que é feito das flores que te mandava tantas flores?

Joaquina: — Casou-se com o florista!

O modisto: — Tanto tu me pedias deste dois vestidos a meu fi? Não sabes que estou falido?

A mulher: — Sei, mas a modista não o sabe ainda!



Gil Bert

— Eu não bebo alcool, porque a primeira vez que me embriaguei, quando cheguei a casa vi duas mulheres em vez de uma!...



— Olha, um matulão daqueles não tem vergonha: ainda precisa de criada para sair á rua...

O marido: — Vi hoje que te dalgas das tuas, mas bonitas, não mereço um aplauso?
A mulher: — Não só um aplauso mas tambem um bis.

Cacharolete

Aquele Primo Carnera, que é no box o mais gigante, anda em tempos envolvido num: questão interessante.

Nascido na linda Italia, ali viveu em creança, mas a vid. de bozeur atirou-o para a França.

E' de todos conhecido o chauvinismo gaulês, e Primo, para dar sócos, foi levado a ser francês.

Ganhos uns milhões de francos, á custa do pugilismo, Primo sentiu renascer em si o patriotismo.

E vê de gritar bem alto, um desejo bem humano, que foi francês por *chiqué*, mas quer ser italiano.

Duas patrias tem agora o bozeur assomadoço, mas, p'ra falar a verdade, sobra-lhe corpo p'ra isso.

O HOMEM DOS TIMBALES.

Dona Maria Pulquéria, uma dama muito séria, de modos angelicais, diz que não vai ver revistas, porque só ouve os artistas dizer coisas imorais!

De as ouvir, fica córada! Vai p'ra casa envergonhada, e, dum' forma geral, diz, para as filhas menores que lhe pedem pormenores: — Que coisa tão imoral!

Pois esta senhora ideal, que em assuntos de moral tem sempre péssima boca, com o esposo — quem diria? — foi ao Gimnasio outro dia, para ver a «Noite louca»!

E á saída, consolada com a peça, representada com requintes de prudencia, dizia, em alto clamor: — As revistas? Que pavor! «Isto», sim, é que é decencia!...

PATO MARRECO.

Na rua Maria Pia, numa casa ali á preta, ha uma barbearia que pelas vidraças fôceas, talvez por causa das moscas, — laia de taboleta, pôs estas facecias tôceas entre outras sem confusões:

«Ondulações
D. sclorações...»

Esse Grão Vasco portento devia ter mais cuidado: — ver onde põe o *acento*, pois pode ser arriscado, embora com geito e arte, pôr o *assento* em qualquer parte... E quanto ás *desclorações* — de cloreto ou de clorato? — devem meter explosões com certas emanações de nos *desclorar* o olfato...

Quando eu morrer, baixando á terra fria, desço á vala comum como um vendido, como alguém que viveu, que foi vencido na luta de viver, rude e sombria.

E a ti, mas que pomposa romaria de aspecto funerario... e divertido te ha de levar ao teu jazigo erguido na arrogancia brutal da cantaria!

Até depois de morto e de já pôdre, vens impôr á opulencia triunfal de vilão, de ricaço como um ôdre.

Mas quero que me digas se depois — tu nesse jazigo, eu num coval — ha qualquer diferença entre nós dois!

ANTONIO AMARCO.

O novo emprego do Epifânio

O Epifanio já viveu muito bem. Nesses tempos aureos comia todos os dias, no inverno usava sobretudo, e até bebia o seu copinho fóra das refeições. Dava-se a esses luxos porque, emfim, tinha um modesto lugar numa officina da Baixa, que lhe rendia uns patacos ao fim da semana.

Hoje, não. Com a crise de trabalho que vai por aí, o Epifanio viu-se forçoso a engrossar o numero dos que não teem que fazer, que orçam agora, sem exagero, por duzentos ou trezentos por cento da nossa população.

Ha quem disse faça modo de vida, atendendo ao progresso dos nossos dias; mas este nosso amigo, coitado, sem geito nenhum para essas coisas, passava as suas necessidades em silencio, dentro de casa, entre quatro paredes — que a vida, emfim, não dava para mais. Já comeu o pão que o diabo amassou, e chegou a fazer um treino aturado para imitar o Papuss, a vêr se assim poderia levar a existencia sem protesto do estomago.

Teve que desistir, afinal de contas, porque não pode viver-se de trêtas nem de cantatas, nestes tempos materialissimos que vão correndo.

Ainda se ao menos se pudesse fazer como o burro do inglês... Mas nem isso.

Um dia apareceu, na area onde morava o nosso homem uma companhia de saltimbancos. Trazia consigo um sem numero de artistas e, á mistura, um conjunto de feras amestradas. Ele era doido por essas coisas. E, habilidosamente, foi-se insinuando no espirito dos emprezarios, que começaram a estimá-lo e dar-lhe *borlas* sempre que ele quizesse.

E assim o Epifanio enganava a fome, que o apoquentava assustadoramente. Não havia lugares disponíveis na companhia, senão estaria ele decerto colocado, pelo menos enquanto durassem os espectaculos.

Mas, em certa ocasião, os homens, querendo ser agradaveis para com o rapaz, fizeram-lhe a seguinte proposta:

— Epifanio amigo. Se você quizesse sujeitar-se a fazer de um durante algumas noites, vestindo uma pele desse animal?... E' que nos morreu o unico exemplar que tinhamos e estamos á espera dum outro.

Ficou decidido, imediatamente. O Epifanio não era burro nenhum, e para fazer de urso, co'os diabos, não era assim uma coisa do outro mundo.

Nessa mesma noite estreou-se o novo artista. Lá foi o nosso homem para uma jaula, á exposição do publico, fazer companhia a tantos outros animais que nas jaulas respectivas faziam as delicias da quella gente.

Num dado momento, porém, o Epifanio, que estava muito senhor do seu papel, notou que alguma coisa de extraordinario se passava ao pé de si. Tinha-se aberto uma parte da jaula, que dava comunicação para outra, e ele distinguia nitidamente um leão dos de pelo na venta avançar paulatinamente...

Tomado de susto, antevendo-se já pelas fauces dentro da fera, recuou. E dispunha-se a gritar, descobrindo assim o *truc* do emprezario, quando o leão exclamou:

— Cala-te! Não faças escandalo! Eu tambem sou operario sem trabalho...

MAXIM.

Noticias do dia

O conflito sino-japonez.

Não ha noticias

MUKDEN, 2. — (Pelo telefone). — Um militar japonês, para passar o tempo, entreteve-se a atirar aos fios telefonicos. Por esse motivo estão cortadas as comunicações.

Na Sociedade das Nações

GENEVA, 3. — A Sociedade das Nações, em sinal de regosijo pela solução do conflito sino-japonês, vai realizar um grande festival na sua sede, que constará, entre outros atractivos, de recita pelo grupo dramático da Sociedade, a que se seguirá um baile, abrihantado a *jazz-band*.

O que diz a imprensa estrangeira

PARIS, 3. — O *Paris six heures et trente cinq minutes et picos*, o mais importante diario da tarde de Paris, declara no seu numero de hoje que, por absoluta falta de espaço, se não pode referir ao conflito sino-japonês. Tambem o *Dimanche Desillustre* insere varias fotografias dos acampamentos das tropas japonesas á hora do rancho, com a seguinte legenda: «As tropas japonesas almoçando depois de um ataque ao acampamento inimigo». Como se vê, isto é bastante elucidativo.

Entrevistado por um *reporter* da *United Press*, o ministro da China declarou que nada pode dizer sobre o conflito por apenas ter recebido instruções de dois Governos da China e declarou que, logo que tivesse instruções dos Governos todos, diria o que ha de verdade sobre a marcha do conflito.

Combates no Mar Amarelo

CANTÃO, 4. — Na foz do rio O-pó-fi travou-se um violento combate entre um navio de guerra japonês e os piratas do bandido chinês Lam-pi-ão, protegido do Governo do centro da China. Não se sabe quem venceu porque eles não querem dizer.

Um ministro chinês na America

NOVA YORK, 4. — Chegou a esta cidade o ministro chinês da hygiene, sr. Pau-li-no. Interrogado para os jornais americanos sobre o que pensa acerca do conflito sino-japonês, declarou ignorar o que se passa, dizendo em seguida que, na qualidade de ministro da hygiene, apenas se tem preocupado com a limpeza que é preciso fazer aos bandidos chineses.

Ecoss do conflito

MUKDEN, 7. — Na fronteira da Manchuria travou-se esta manhã um combate tão violento que nesta cidade só se ouvia o eco das granadas. — (United Press).

Terminou o conflito

PEQUIM, 31. — Por ser hoje fim do ano, terminou o conflito, constando que só recomeçará no dia 2, em vista de amanhã ser o primeiro do ano e os soldados e officiaes de ambos os lados irem jantar com as familias e depois ao teatro. — (Favas).

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Dr. Bernardo Vilar



Clinica illustre do Hospital de Santa Marta. Pouco bernardo e de muito valôr. Querido de todos: dos mestres, do pessoal e dos doentes. O irmão apaga fogos; ele apaga a doença da ideia dos enfermos...

GRAFOLOGIA

FAIR e FAGA.—Desejaria ser gentil, mas não posso. Escreva alguma em seu bocado de papel e assinie, para assim eu poder analisar. Nada de frases com intenção, escrevam com naturalidade e façam a letra sem pretenciosismo. Acima de tudo, o que é preciso é que escrevam com sinceridade e aquilo que a vossa consciência pedir, para que eu possa decifrar: ao certo o vosso caracter, que certamente deve ser bom. Mas escrevam depressa, para eu poder ainda responder.

CAETANO BRETY.—Primeiramente tenho a lamentar que seja côxo. E' de facto lamentavel e já agora devo dar-lhe os parabens, pois pode dar-se ainda por muito feliz em não ser côxo das duas pernas. O seu caracter é irreconhecivel. Que diabo de maria é essa de mascarar a letra com borões de tinta em cima e dedadas sujas? Até nos faz acreditar que a sua alma é pouco limpa. Você ainda é de bons tempos: tem a mania de pagar o que deve a toda a gente.

Isso é um mau habito e que você tem que perder por força. Outra mania tambem infeliz é essa de calçar as peúgas do avesso. Produz mau efeito. Uma pergunta: Porque não experimenta calçar sapatos com sola Ceylão? Devia dar-lhe um optimo andar. Nem pagaria que é côxo.

PIROLITA.—Apesar de tentar desfarçar a letra, vê-se que é homem. E' entãto, devo dizer-lhe que a imitação da letra é perfectissima. Porque deseja passar por mulher? Isso é mau e denuncia erros graves na sua maneira de ser. Mostra que não tem caracter e é bailarino. Não deve pôr carmin nos labios e cortar o cabelo um pouco mais curto. Confessa na sua carta que está apaixonada por alguém e que ele não lhe sabe corresponder. Esqueça esse amor com outo amor. Você é um pouco romantico ou romantica, como queira. Deve tambem perder esse habito. Faz mal ao estomago.

GENOVEVA LETRA V.—Ainda tem o habito de coser e bordar, o que já não se usa. O tocar piano tambem está fóra de moda. Toque antes grafonola, que é mais facil e pratico e enfim mais moderno. Diz que não quer casar. Porquê? Isso é um mau exemplo para as suas filhas, quando as tiver. Outro conselho: Você é um pouco irascivel. Mude de feitio, seja meiga, boa. Porque não modera os nervos? Pela letra vê-se que é regrada e metódica em tudo o que faz, mas mostra tambem rebeldias que destroem tudo o que de bom se possa pensar a seu respeito.

MADAME HARVY.

Voltamos a prevenir os nossos leitores de que, dentro de algumas semanas, Madame Harvy regressará a Paris, onde voltará a dirigir as suas lecções nalguns dos principais jornais daquela cidade. Por esse motivo, devemos avisar que, caso algum dos nossos leitores deseje conhecer o seu caracter pela letra, o deverá pedir com a maior brevidade possível.

Aqueles que já nos escreveram e ainda não obtiveram resposta não deverão escrever-nos de novo, pois a consulta sairá na devida altura, visto que este pequeno atraso é devido ao grande numero de respostas que temos e ao pouco espaço de que dispomos.



— Entãto já leva a arvore para o proximo Natal?
— Nada disse; é para pôr no quarto de minha mulher; o medico recomendou-lhe o ar dos pinheiros.

DESSPORTOS

A imparcialidade da critica da bola

A imparcialidade da critica da bola — que ironia! — é um assunto que nunca deixa de ter actualidade, apesar de já ter sido versado algumas vezes. E' um assunto que, para nem do desporto nacional (mas em Portugal ha desporto?) se deve ventilar de quando em vez. Até para vêr se a imparcialidade da critica (mas existem criticos em Portugal?) deixa de ser tão imparcial...

* * *

Ha, proximoamente, dois anos, o nosso seudoso camarada Carlos Sergio — um des espiritos mais lúcidos — o jornalismo desportivo — referiu-se à critica desportiva de tal maneira que ainda hoje as suas palavras teem actualidade, merecendo por isso a transcriçãto que segue:

«A imparcialidade da critica de foot-ball nunca passou entre nós duma aspiração. Chegou-se mesmo a ponto de se perder por completo a vergonha e de se fazerem coisas inverosimeis.

Na redacção dum jornal da especialidade ha, por exemplo, um critico que é dirigente do *Bemfica*, outro que é dirigente do *Casa Pia* e outro que é do *Belenenses*.

Seria logico que o chefe da redacção distribuisse o trabalho de modo a caber ao partidario do *Bemfica* o desafio *Belenenses-Carcavelinhos*; ao do *Belenenses* o desafio *Bemfica-Sporting*, e assim successivamente.

Seria logico... mas não é conveniente. De modo que o dirigente do *Belenenses* faz todas as criticas dos desafios que o *Belenenses* joga; o dirigente do *Casa Pia* faz todas as criticas dos desafios que o *Casa Pia* joga, etc., etc., etc.

E quando se encontram o Bele-

nenses e o *Casa Pia*? — pergunta-rãto o leitor. Nesses casos supponho que a questãto é resolvida á sorte entre os dois imparciais criticos interessados — o ouz alias não evita o seu ammosinho á mistura...

Havemos de reconhecer que, neste momento, ainda os dizeres de Carlos Sergio são verdadeiros. E teem sabor... E grandezza, encerrando muita verdade...

Lembrou-nos a imparcialidade da critica por causa dum caso que nos foi contado por um dedicado dirigente do Portugal Foot-ball Club, que pertence á segunda divisãto da A. F. L.

Vamos ao caso, claro e conclusivo, como tudo!

O Portugal realizou um jogo official (não nos ocorre de momento o nome do seu adversario), no seu campo de jogos, no passado dia 27 de dezembro.

A critica do encontro appareceu estampada, no dia seguinte, num jornal da especialidade, e toda ela era uma *tunda feroz* na simpatica *equipe* do Portugal.

Pois querem os leitores saber como a referida critica fóra feita? Or, leiam e... gosem.

O homem encarregado da critica adoeceu. E lembrou-se de mandar ao campo, quasi ao findar da partida, duas pessoas, com a missãto de colherem elementos para o seu trabalho. Esses elementos foram fornecidos, obsequiosamente, por um director do Portugal.

Pois, ao outro dia, a critica — voltamos a affirmá-lo — era uma *tunda feroz* no grupo do Portugal...

E' isto comico ou não é? — E como este caso, que dá vontade de rir, pediam apontar-se dezenas...

JONICA.



— O azar é tão grande que não posso fugir aos meus inimigos; até vim sentar-me diante de um malmequer!

AS PELES DAS MULHERES

Não falo das proprias: da derme e da epi; falo das peles que se obtem esfolando os animais e os maridos ou vice-versa.

Onde elas se encontram?

Arminho — Nos Palacios de grande luxo e abundancia de *rastapoueres*, misturads com reis destonados.

Raposa — Nas casas da especialidade. Ha sempre uma raposa velha que se deixa apanhar por uma cordeirinha joven e lhe larga a pele.

Petit gris — Apanagio de toda a nova-rica que se preza de ser condobarãto.

Taupe — Quanta suadela não custou á casaco de *taupe* ao empregado superior! E não passou sem uma visita da mulher ao director geral.

Macuco — Pele que há este um pouco desacreditada pelas imitações. Encontra-se ainda na paixão duma nova por um velho em casacos ferrados de couro.

Vison — Tabela de estandãto pela mulher do fauqueiro rãto da falencia. Depois vê-se que não passava de *marmelãto*. E começa a rurnmuração.

Caracol — Restos dos caracolinhos que as mulheres tinham no pescoco no tempo das tranças de ebano e que os poetas utilizavam para gastar papel e tinta.

Poulain — Frequenta os automoveis no corpo da *chauffeuse*, mais comodamente e mais rechonchudamente instalado do que os 30 colegas que vão no motor.

Breitschwanz — *Fouurruc* preferida pela moda actual. A'manhã ninguem se lembr: que existiu; ontem devia ter qualquer outro nome: Pires ou Soisa.

Pantera e Tigre — Em cobertura de sofãs, é como a *Nau Catrineta*, que «tem muito que contar».

Coelho, vulgarmente chamado *Lapin, Rasé, Galapin, Renard, etc.* — Faz a delicia da costureirinha na gola do casaco singelo.

Lontra: dum *Hispano-Suizo* desce uma elegante cincoentona envolta num rico casaco de *astrakan* (6 contos). Para uma costureira com uma gravata de *rasé* (6 escudos) e murmura:

— Quem me dera aquele casaco!

E diz a cincoentona:

— Se eu me apanhasse com aquela gola de coelho e os seus inte anos!

Boa ocasião de estar caído

Num pequeno hotel da provincia, á hora a que os hospedes, alguns, caixeiros viajantes, esperavam pelo jantar, conversava-se animadamente sobre os mais variados assuntos, como, de resto, acontece sempre que estejam presentes viajantes.

Um dos vidros duma das janelas que, por acaso, já velho, estava partido e deixava entrar uma má visãto, razão pela qual um dos viajantes se viu forçado a soltar um estrondoso espirro. Logo contino, reparando que, em vez de um espirro, estava em um individuo de cor:

— Oh! Você desculpe...

Efepé.

ECOS DA SEMANA

PARA O PLANO DOLEITÃO DE BARROS ALVITRO ESTES AQUARIOS COM PEIXES DA REGIÃO: LINGUADO, SÓLHA, PEIXE ESPADA - ETC.



A LUZ NO BRAZIL É A GAZ DE CAFÉ. CÁ PODE SER A GAZ DE VINHO. UMA É NERVOSA A OUTRA SERÁ BEBEDA. BOAS PARA RECLAMES ARTISTICOS



PARE CEMAL! UMA TERRA ONDE NÃO HA PINÇA DE AGUA MAS ONDE CHOVE VINHO ÀS PIPAS.



O 'ESPERIA' FOI O JORGE QUE ANDOU SEMPRE A' EBRERA DO 'ESPERIA' AI' SEU TÊSO !!



ÉLES TEEM ALFA NÓS TÊMOS GAMA, TEEM O CAPRO NI, NÓS O CABRAL, ÉLES O CANTI NÓS O GAGO... NÃO HA RAZÃO PARA ANDARMOS BALBOSOS...



UM ASPECTO DA LIMONADA EM ALCONCHEL OU SEJA UM COMBATE A LIMÕES, COISA QUE NÃO LEMBROU AOS 'ALIMÕES'



SÓ ASSIM CONSEGUI QUE A PAGINA NÃO VIESSE MAIS TREMLICADA.

DE 5 A 15 REALIZA-SE UMA EXPOSIÇÃO POSTUMA, NA SOCIEDADE DE BELAS ARTES, DE DESENHO E PINTURA DO MEU INFELIZ CAMARADA



JOSE TAGARRO

OS LEITORES QUE ME DESCULPEM ESTA NOTA QUE NÃO TEM NA DA DE HUMORISTA SEMPRE GRATO

BOLETIM